

Luiz Rufino<sup>1</sup>**Resumo**

O texto tem como alinhava a problematização do acontecimento colonial como produtor de violências nas dimensões do ser e saber. Dessa maneira, invoco o caráter duplo de João Alves Torres Filho (Joãozinho da Goméia) em intersecção com o Caboclo da Pedra Preta para discorrer sobre inscrições éticas/estéticas/político/poéticas que contrariam os investimentos de morte produzidos pelo empreendimento colonial. Em um segundo momento abordo a noção de casa de caboclo como disponibilidade conceitual para pensar a ambivalência como elemento que rege a dinâmica colonial e molda o Brasil. A noção de casa de caboclo se soma a defesa da macumba como um complexo de saber brasileiro (ciência encantada) e nos possibilita incursionar em outras textualidades, saberes e gramáticas não normativas que substanciam a hipótese de um feitiço de brasilidade que emerge como astúcias, dribles, jogos e batalhas contrarias a lógica da dominação colonial. Por fim, a presença dupla de João e o Caboclo da Pedra Preta, assim como a ambivalência do feitiço de brasilidade posto na casa de caboclo são reivindicados como parte de um giro político/epistemológico que responde ao problema da descolonização.

**Palavras-chaves:** Descolonização- Joãozinho da Goméia- Macumba- Casa de Caboclo

**CABOCLO'S HOUSE: BRAZILIAN SPELL****Abstract**

The text is on the problematization of the colonial event as a producer of violence in the dimensions of being and knowing. Thus, I invoke the dual character of João Alves Torres Filho (Joãozinho da Goméia) in intersection with Caboclo Pedra Preta to discuss ethical / aesthetic / political / poetic inscriptions that contradict the death investments produced by the colonial enterprise. In a second moment, I approach the notion of caboclo house as a conceptual availability to think ambivalence as an element that governs colonial dynamics and shapes Brazil. The notion of caboclo's house adds to the defense of macumba as a complex of Brazilian knowledge (enchanted science)

---

<sup>1</sup> Professor UERJ-FEBF vinculado ao Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação. Doutor em Educação (UERJ). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0206-254X>. E-mail: [luizrfn@gmail.com](mailto:luizrfn@gmail.com)

and allows us to penetrate other textualities, knowledge and non-normative grammars that substantiate the hypothesis of a Brazilian spell that emerges as cunning, dribbling, games and battles against the logic of colonial domination. Finally, the double presence of João and Caboclo da Pedra Preta, as well as the ambivalence of the Brazilian spell placed in the caboclo's house, are claimed as part of a political / epistemological turn that answers the problem of decolonization.

**Keywords:** Decolonization; Joãozinho da Goméia; Macumba; Casa de Caboclo

## CASA DE CABOCLO: HECHIZO BRASILEÑO

### Resumén

El texto parte de la problematización del hecho colonial como productor de violencia en las dimensiones del ser y del saber. Así, invoco el carácter dual de João Alves Torres Filho (Joãozinho da Goméia) en intersección con Caboclo da Pedra Preta para discutir inscripciones éticas / estéticas / políticas / poéticas que contradicen las inversiones de muerte producidas por la empresa colonial. En un segundo momento, abordo la noción de casa caboclo como una disponibilidad conceptual para pensar la ambivalencia como un elemento que rige la dinámica colonial y da forma a Brasil. La noción de la casa del caboclo se suma a la defensa de la macumba como un complejo de conocimiento brasileño (ciencia encantada) y nos permite penetrar otras textualidades, saberes y gramáticas no normativas que sustentan la hipótesis de un hechizo brasileño que emerge como astuto, regateador juegos y batallas contra la lógica de la dominación colonial. Finalmente, la doble presencia de João y Caboclo da Pedra Preta, así como la ambivalencia del hechizo brasileño colocado en la casa del caboclo, se reivindican como parte de un giro político / epistemológico que responde al problema de la descolonización.

**Palabras clave:** Descolonización; Joãozinho da Goméia; Macumba; Casa de Caboclo

## A Pedra do Caboclo João: a supravivência como ponto riscado do encanto

É Pedra Preta!  
Quem risca ponto nessa casa de caboclo,  
Chama Flecheiro, Lírio e Arranca-Toco,  
Seu Serra Negra na Jurema, Juremá!  
(Acadêmicos do Grande Rio-2020)

*Pedrinha miudinha na aruanda, lajeiro tão grande, tão grande na aruanda. Uma é maior, outra é menor e a miudinha é que nos alumia. Uma é maior, outra é menor e a miudinha é que nos alumia...* O ponto lançado ao infinito chama o caboclo da Pedra Preta, ente que inscreve linhas de um Brasil profundo, encantado e que riscou em João Alves Torres Filho, o famoso Joãozinho da Goméia, os contornos de um feitiço de brasilidade. O que são os caboclos? Haverá quem diga que são espiritualidades dos ancestrais dessa terra e que vira e mexe aparecem por aqui atravessando o tempo para nos dar lições de cura e batalha. Para mim, os caboclos são mais. Venho defendendo que o caboclo é também uma espécie de *antinomia da civilidade* (Rufino e Simas, 2018) e em sua presença inscrevem-se lições sobre a vida que se atrelam a uma ética descolonial.

O indígena na lógica metonímica, empresarial, bélica e teológico-política do ocidente-europeu é o *outro*, ou seja, é logo aquele que não é branco e por isso deve vir a ser consumido, expropriado, subordinado e convertido. Porém, o caboclo, identidade política parida na ambivalência e caos da guerra colonial, dispara soluções inventivas geradas nos cotidianos dessa terra. Nesse tom, o caboclo é aquele que rompe com os limites de uma noção etnocentrada para se lançar como eco de um brado de vida potente, que se assenta em outras gramáticas e sensações de mundo. O caboclo invocado nas ciências encantadas (epistemologia das macumbas) (RUFINO; SIMAS, 2018) é aquele que *supraviveu*, dobrou a morte no alargamento do tempo, sentidos e subjetividades.

Parto do ponto em que compreendo a colonização como um evento inacabado e que tem como principal característica a instauração de uma guerra. Essa maquinaria de terror opera gerando um sistema de produção de

assassinatos que vão desde a morte biológica até o cárcere e desvio existencial imposto pela aniquilação da diversidade. Essas dimensões interligadas ressaltam o repertório de ataques que fixam a vida como mero recurso e ao mesmo tempo expandem critérios de classificação e hierarquização que fazem da mesma um atributo de poder e não de dádiva. Nesse sentido, na plataforma política colonial viver é parte de um poder e autorização mantida por uma minoria de “humanos” que a concebem como resultado da produção sistemática de violência e desvio com outros seres.

Nas macumbas brasileiras, invoco esse termo como um arsenal de práticas de saber, tecnologias ancestrais e filosofias presentes em diferentes tradições comunitárias, a noção de caboclo está imbricada à de encantamento ou encantado. Escarafunchando a categoria nativa encantado, veremos que a noção comunica a ideia daquele que não morreu. Nesse sentido, ele é aquele que em uma situação de morte se transmutou, adquirindo outro corpo/linguagem. Dessa forma, ao se encantar, ele se amplia, se alarga, se multiplica e pode vir a ser manifestar vestindo as mais diferentes carapuças.

O encantamento acontece para firmar a vida enquanto continuidade, assim é antes de tudo uma percepção dos movimentos e travessias possíveis entre a multiplicidade de tempos, formas e linguagens disponíveis para sentir o mundo. Por isso, o encantamento emerge como uma política de vida contrária às formas de produção de escassez perpetrada pela dominação colonial. Entendê-lo como mera alegoria ou metáfora é firmar a toada do racismo epistemológico (CARNEIRO, 2005) e da colonialidade cosmogônica (WALSH, 2009) que não só desconhece outras percepções de mundo, como também padece de um quebranto narcísico.

*Jurema deu um estrondo e toda terra estremeceu. Onde estão os capangueiros da Jurema que até hoje não apareceu<sup>2</sup>... Caçador na beira do caminho, não me mate esse coral na estrada. Ela abandonou sua choupana, caçador, foi no romper da madrugada<sup>3</sup>... O juremê, o juremá, sua folha caiu*

---

<sup>2</sup> Ponto cantado para a Cabocla Jurema.

<sup>3</sup> Ponto cantado para o Caboclo Cobra Coral

*serena Jurema dentro desse gongá*<sup>4</sup>... Algumas perguntas nos cabem para seguir pisando manso nessa macaia: onde estão os capangueiros da Jurema? Quem é a cobra coral? A Jurema seria uma pessoa, uma folha ou as duas coisas ao mesmo tempo?

O contínuo de terror que nos espreita há mais de cinco séculos nessa banda do planeta com contratualidades antropocenas, raciais, patriarcais, teológico-políticas e plantations nos inferiu uma espécie de dismantelo cognitivo e desarranjo das memórias, que faz com que não alcancemos leituras sensíveis dos pontos entoados. Esses pontos, por sua vez, marcam desde invenções táticas diante das demandas vividas na luta contra a dominação, assim como também revelam um inventário de saberes outros que se tecem nas giras e giros daqueles que não se perderam no desencanto. O projeto colonial, para pavimentar o que chamou de civilidade, ergueu um mundo de escombros, assim para o colonizado o que restaria seria a mera condição de sobreviventes nessa empreitada, uma espécie de “sobra vivente”. Porém, a inscrição caboclo como uma textualidade do encantamento enquanto política da presença (vida) demarca que o projeto colonial não se sagrou vencedor, já que a guerra está em plena disputa. O caboclo como encantado que é dobra a morte (desencanto), como também rasura a conformidade de estar meramente em um mundo como sobrevivente, “sobra vivente” para se atar como *supravivente* (Rufino e Simas, 2018).

Seu Pedra Preta como brado supravivente que baixa em Joazinho da Goméia marca a disputa de brasis que se cruzam. Um Brasil que ser ergue como Estado Colonial, projeto civilizador que tem no homem, branco, macho, colonizador, escravista, militarizado e catequizador a sua marca. Um Brasil edificado pela plantation, estado de sítio, catedrais do pecado, por uma coleção de crimes cometidos contra as mais diferentes formas de vida e que nutre uma realidade assombrada por obsessões de grandeza que são incapazes de avistar as pedras miúdas que alumiam os imensos lajeiros.

---

<sup>4</sup> Ponto cantado para a Cabocla Jurema.

O caboclo da Pedra Preta como força imanente de uma inscrição *contracolonial*<sup>5</sup> faz de seu Joazinho da Goméia um *ser supravivente*. Das suas aparições em sonhos até a manifestação do *ente* em João inscreve-se uma dinâmica em *cruzo* (RUFINO, 2019) que registra na corporeidade a escrita de uma história de luta e beleza. Dessa forma, vida e arte se imbricam para revelar um repertório político e poético que invoca e vibra a espiritualidade de um Brasil profundo riscado nas matas, encruzas, terreiros e avenidas.

*Homem, bicho e flor. Bicho homem, pena de pavão. Malandro, vedete, herói, faraó, rei do candomblé*<sup>6</sup>, qual será a carapuça que veste João da Goméia? Como *catiço*<sup>7</sup> que samba no fio do obé<sup>8</sup> veste todas em uma única. Coisa feita, mandinga daqueles que supraviveram no encanto e sopraram para longe o quebranto do esquecimento. O que nos fica como ensinamento da pedra miúda lançada no sincopado de um mundo obcecado por dicotomias é que sempre haverá uma esquina para riscar um ponto e apontar caminhos. Se nos espreita a demanda de um Brasil colonial contrário à vida em sua diversidade faminto por escassez e desencante, existem também escritas ancestrais que devem ser apanhadas no giro da hora grande e sopradas no vento como feitiço de brasilidade.

### **Casa de caboclo: aldeia dos supraviventes, feitiço de brasilidade e tempo/espaço da ciência encantada**

Casa de caboclo é um termo popularmente empregado para designar o sentido de feitiço. Todo feitiço é algo que carrega uma dimensão múltipla, não pode ser firmado em um único entendimento, já que diz sobre uma relação, imbrica o *eu* ao *outro* e nessa dinâmica existe sempre um *entre*. Dessa forma, o feitiço é aqui lido como um fenômeno discursivo que tem

---

<sup>5</sup> A noção de contracolonialismo é empregada pelo pensador e liderança quilombola Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo). Em conversa com Bispo ele situa a perspectiva contracolonial como um drible as lógicas coloniais, uma atitude de contraria seu poder.

<sup>6</sup> Trechos do samba enredo da Acadêmicos do Grande Rio no carnaval de 2020.

<sup>7</sup> Termo comum aos Exus das umbandas e macumba carioca. Os catiços, que para alguns é um termo pejorativo, designa o caráter dos aldeados na classificação *povo de rua*.

<sup>8</sup> Faca.

caráter ambivalente, alteritário, dialógico, polissêmico e inacabado. Com base nesse argumento firmo dois pontos que se assentam nas práticas de saber que fazem das macumbas brasileiras um complexo político e epistemológico. O primeiro é que a lógica do feitiço diz muito sobre as dinâmicas de jogo e batalha no contexto colonial. A segunda é que, orientado pelas gramáticas macumbeiras e seus praticantes, Joãozinho da Goméia baixa aqui como interlocutor teórico, o termo casa de caboclo emerge como disponibilidade conceitual para pensarmos a brasilidade como um feitiço que rasura as pretensões de um Brasil que se apresenta como Estado Colonial e se quer sendo o único possível. Dessa maneira, cabe uma pergunta: o Brasil que conhecemos seria uma casa de caboclo?

Crescemos aprendendo coisas acerca do Brasil, e parte do que aprendemos nos confunde, nos inquieta, nos cisma. A cisma talvez seja um dos elementos indispensáveis nas relações que estabelecemos com os saberes. Os saberes, por sua vez, estão por aí feito coisas no mundo, correndo nas asas do vento amarram caminhos, palavras, gestos, sons, chãos e corpos. Assim, na vida comum, seguimos praticando a cisma e nessa dinâmica de cismar saberes seguimos reinventando/alumiando nosso tempo e terra.

As histórias que narram o Brasil, contadas em monumentos, tratados, construções, obras de arte e livros escolares não são as mesmas que se encarnam em pedras de rio, olho d'água, troncos, plantas, praias e esquinas. As histórias que desfrutam do status de oficial correm em via de mão única, são obcecadas pela totalidade que para elas expressa-se como princípio de verdade. Esse princípio é mantido sobre árduos regimes que privilegiam suas versões em detrimento de outras possibilidades. São espiritualmente arrogantes, mas por suprimirem o espírito em favor da consciência preferem manifestar sua arrogância sobre a veste da razão. Regozijam-se em serem sistematicamente repetidas, naturalizadas, operando em perspectiva de histórias únicas e a favor de um projeto monológico de mundo.

Por outro lado, as histórias que narram outros “Brasis” elegem as encruzilhadas como tempo/espço enunciativo, na encruza a linearidade dos caminhos dão lugar às curvas das esquinas. As histórias de outros “Brasis” não

reivindicam o estatuto de verdade e se colocadas sobre a condição de mentira não rejeitam a titulação, pois não a entende como algo menor, a mentira é antes de qualquer coisa o acontecimento carnavalizado. O samba ensina, *na capa de Exu caminho inteiro...* os caminhos se abrem, enquanto uma narrativa apoia-se nos fatos que, ao serem revelados, dão o tom da construção de determinada realidade, a outra inventa seus mundos escorrendo pelos caminhos dos segredos, dos enigmas, mistérios e encantamentos.

Virado no catiço que zomba da prepotência do bacharel improviso: quantos Brasis cabem no Brasil? Adentro na mata para fazer catimbó, capoeira, para armar casa de caboclo. Se nessas bandas habitam outros viventes que riscam outras práticas de saber podemos ler o Brasil como uma casa de caboclo. Feitiço duplo que marca desde a morada, imantação e imanência de outras presenças, saberes e gramáticas, como também a força dessas inscrições como narrativas transgressoras ao Estado Colonial.

Nesse tom, firmo o ponto que o Brasil que me encanta é aquele que se compreende enquanto terreiro. O tempo e espaço em que se risca ponto e invoca o encantamento como política de vida que lança mão de práticas de saber ancestrais que venceram o esquecimento. Nesse Brasil enfeitiçado pela brasilidade, praias dão lugar a cidades encantadas, onde rainhas, princesas e mestres transmutaram-se em pedras, árvores, braços de rios, peixes e pássaros. Nessa casa de caboclos os tambores falam mais alto que as armas, pois eles encarnam a verdadeira autoridade, tem bocas para falar e comer. A rua e o mercado são caminhos formativos, lá que se tecem nossas aprendizagens, nos intercâmbios das diferentes formas de trocas. A mata é morada, é lugar de magia de seus moradores, por lá vivem seres encarnados em sucupiras, jatobás, mangueiras, cipós e gameleiras. Nos olhos d'água repousam jovens moças, nas conchas e grãos de areia vadeiam meninos levados. Nas campinas e nos sertões, entre velames e macambiras, surgem homens valentes que cavalgam nos ventos, tangem boiadas e laçam infortúnios. As curas dos corpos e das mentes se dão por baforadas de fumaça pitadas nos cachimbos, por benzeduras com raminhos de arruda, manjerição e



rezas grifadas na semântica dos rosários. As encruzilhadas e suas esquinas são campos de possibilidade, lá a gargalhada debocha e reinventa a vida de forma inesperada. O sacrifício ritualiza o alimento, morre-se para se renascer. O solo do terreiro Brasil é assentamento, é o lugar onde se plantou o axé e o segredo está vivo e guardado em pedras.

Jurema, catimbós, encantaria, terecôs, umbandas, batuques, candomblés, omolocôs e toda e qualquer sorte de macumbas praticadas em solo brasileiro são marcas das sabedorias africanas, indígenas e outras em trânsito, que em bricolagem nos cotidianos colonialistas com a forte e vigilante presença das culturas de matriz judaico-cristã transformaram-se, reinventando práticas, mundos e terreiros. Ressalto que relacionar práticas sociais distintas - como as citadas acima - formadas por diferentes experiências sociais, para alguns praticantes e estudiosos pode ser um equívoco, um risco que se inscreveria no âmbito das generalizações. Porém, quando destaco a existência dessas práticas e seus *cruzos* (RUFINO, 2019) visando à manutenção de seus ciclos vitais, essas correlações se apresentam como elemento que positiva e afirma a condição dessas práticas de saber e suas astúcias, na tessitura de uma ampla, diversificada e inacabada trama.

Assim, as diferentes culturas de terreiros, seus saberes e tecnologias se amalgamam, forjando uma complexa rede de expressões no alinhave de ritos e rituais de brasilidade. Essa dinâmica de *cruzos*, motricidade de travessia, troca, caoticidade e potencialização, desviam essas práticas culturais dos esforços metonímicos empreendidos pelo projeto de ocidentalização do mundo. A macumba - expressão que nos limites da política colonial infere uma condição subalterna, perigosa e homogeneizante às múltiplas tradições reinventadas e praticadas em terras brasileiras - ressignifica-se, emergindo como uma força plural, que, ao indicar suas múltiplas possibilidades de negociar posições em fronteiras, nos apresenta também formas de agenciamento, de tessitura de redes de solidariedade e que, ao se diferenciarem a partir de um modo de racionalidade distinto do evocado pelo Ocidente, se entroncam em uma política que interage por diferentes percepções cósmicas.

Outro aspecto que reposiciona a noção de macumba é o fato de ser um signo ambivalente. Na medida em que essa expressão resguarda tanto a intenção de regulação de um poder sobre outro - nesse caso do colonialismo para com as práticas colonizadas -, também aponta um vazio deixado. É nesse vazio - fresta - que eclodem as invenções que jogam com as ambiguidades do poder, golpeando nos interstícios da própria estrutura ideológica dominante. Nesse sentido, as culturas que são identificadas como macumbas emergem tanto de seus repertórios vernaculares quanto dos vazios próprios dos limites da ordem ideológica vigente.

Dessa forma, toda carga simbólica investida na noção de macumba como algo que abarca as predileções da política colonial são desdobradas pela polissemia do termo, que mais do que apontar para a vastidão dos repertórios possíveis de serem identificados pela terminologia, também apontam para a impossibilidade de classificação do que se expressa como macumba. Ou seja, aquilo que se designa como macumba pode ser tanto uma coisa como outra, ou até mesmo duas ou mais em justaposição. A macumba, em um primeiro momento, seria aquilo que apresentaria as marcas do *cruzo* de identidades políticas subalternas codificadas e em diálogo nas forjas do mundo colonial, que são sistematicamente investidas de controle por meio da produção do estereótipo. Porém, a macumba compreendida como um signo que não comporta dicotomias escorre para um não lugar, ao mesmo tempo em que é um “corpo estranho” no projeto de Estado-nação (colonial) não ajustável à política dominante, desliza-se e encontra frestas nos limites do poder, pois é também um duplo. Primeiramente - o duplo - não é ajustável a nenhuma ordem, mas como corpo ambivalente carrega em si parte possível de coexistência e de interpenetração.

As macumbas brasileiras, como complexos interculturais, possibilitam-nos pensar a configuração do nosso tempo, marcado pelo trauma colonial, como um campo de batalha em que o feitiço emerge como astúcia daqueles que dominam gramáticas não normativas. Nesse sentido, o termo casa de caboclo lido nas linhas de uma escrita colonial manifesta dimensões do racismo epistêmico, da captura e distorção de princípios explicativos e lógicas

próprias de modos de sentir o mundo, contrários aos estabelecidos pelo modelo dominante. Porém, lido na imanência de uma inscrição ética e estética como a de Joãozinho da Goméia, que tem seu duplo no caboclo Pedra Preta, revela a astúcia dos repertórios *supraviventes* que rasuram, enfeitçam e rompem com o desencanto colonial.

A macumba epistemiza as práticas de saber daqueles que jogam taticamente e desautorizam o rigor do projeto colonial como único modelo narrativo, pois desloca a sua pretensa autoridade de saber/poder. A macumba como escrita política, poética e tecnológica salta nos vazios e opera transgressões. A obsessão cartesiana da modernidade ocidental e suas ações de controle do tempo dão lugar à vastidão de caminhos possíveis e ao acabamento como elemento construtor da história. Considerando o acabamento do mundo - como ordem social - e a não totalização dos conhecimentos e princípios explicativos como partes unicamente pertencentes ao pensamento moderno ocidental, as macumbas como práticas de saber, tecnologias ancestrais emergem como experiências sociais produtoras/reprodutoras de conhecimentos, que, ao serem praticadas, pressupõem outras esferas, práticas e complexos de saber.

As macumbas - como epistemologia (ciência encantada) - nos oferecem bases para que trabalhemos com a noção de ciência - dominante - sobre rasura, nos proporcionando sucatear as bases que refletem as concepções ideológicas do poderio colonial. Nesse sentido, a redução da experiência social do mundo nos limites da experiência ocidental é comprometida pela emergência da diversidade de práticas sociais - práticas de saberes - que indicam não somente a presença de outras epistemologias, mas também a emergência de saberes que emergem via uma lógica em encruzilhadas.

Nesse sentido, a casa de caboclo pode vir a ser desde o aldeamento dos supravivente, como também um feitiço de brasilidade que contraria as pretensas de um Estado Colonial e por último um contexto educativo, de circulação de experiências e produção de saberes que comporta gramáticas que imantam força de descolonização do ser/saber. O ponto que risco nesse texto vem a defender essas três hipóteses que ganham força na argumentação

de que as macumbas brasileiras são um complexo político, poético e tecnológico que inventaria as práticas de saber e percepções de mundo de grande parte daqueles alvejados pelo desencantamento perpetrado pela lógica colonial. A presença ética/estética de Joãozinho da Goméia em sua manifestação dupla, lambuzada de brasilidade junto ao Caboclo Pedra Preta fortalece as defesas aqui expostas. O famoso babalorixá com extensa atuação e múltiplas facetas se lança para seus interlocutores como um ponto que não se decifra. Múltiplo, inacabado e imanente tem, a meu ver, na sua face supravivente e nas suas textualidades de caboclaria um *caminho inteiro*<sup>9</sup> ainda a ser percorrido.

**“Caboclo pega sua flecha, pega seu bodoque que o galo já cantou”: autoria e escrita da descolonização (Considerações Finais)**

*Uma é maior, outra é menor e a miudinha é que nos alumia. Uma é maior, outra é menor e a miudinha é que nos alumia...* A magia da pedra lançada pelos caboclos está na miudinha. O que alumia é algo inacessível para obsessões de grandeza ou mentalidades cindidas em mundos que se dividem e não se encruzam. O *cruzo* como a motricidade, efeito, lógica e enigma da encruzilhada é aquilo que traça o caos para gerar caminho. Em outras palavras, o que se cruza, aquilo que risca história como travessia, é permeado de conflito, ambivalência e dá o tom do inacabamento das coisas.

O colonialismo como espectro de terror, espiritualidade de mortandade que assombra e aquebranta essas terras por mais de cinco séculos institui sua política de dominação que se expressa na tentativa de aniquilação das existências via a produção de desesperança. Porém, existem inúmeras presenças que correm gira, viram mundo, cavam soluções e sopram ventos para desobsediar esse terror. A dimensão de um colonialismo epistemológico como ressaltou Fanon (2008) ou mesmo a dimensão da colonialidade do ser/saber/poder como convoca o grupo de pensadoras/pensadores latino-

---

<sup>9</sup> Menção ao samba da Acadêmicos do Grande Rio em 2020.

americano ganha outros contornos quando passamos a sentir outras presenças e ler outras textualidades.

Nesse sentido, nos cabe ação responsável e postura implicada com as produções de saber para assumirmos o Caboclo da Pedra Preta e Joazinho da Goméia como parte das autorias que inscrevem de forma político/epistemológica atos de descolonização do ser/saber. Seja no terreiro, na avenida, no palco, atando ponto apalavrado ou riscando as suas mandingas no chão, essas presenças registram feitiços de brasilidade que são textualidades imantadas de forças contrárias à dominação colonial. Dessa maneira, a descolonização não é um delírio, nem tão quanto o cultivo da expectativa de uma superação feita a passe de mágica, mas sim o reconhecimento da guerra colonial e a invenção de inúmeras táticas de transgressão desse sistema fazendo do cotidiano um campo de batalhas e mandingas<sup>10</sup>.

A guerra colonial investiu no ataque às gramáticas maternas, na contenção dos corpos, na aniquilação das cosmogonias, linguagens e subjetividades dos inventados como sendo os *outros*. Perpetrou chacinas, torturas, catequizações, contratualizando o direito à vida em uma outorga que produziu poder, lucro e privilégio em detrimento de violência, trauma, desvio e subordinação. Nesse sentido, não é nenhuma incoerência lermos as presenças, inscrições e textualidades imanentes em Joãozinho da Goméia e Seu Pedra Preta como contra narrativas a todo esse aparato. Afinal, a leitura da macumba como atributo fetichista, anímico e componente do atraso e não civilidade vai ao encontro dos discursos que não a reconhecem como um complexo amplo e sofisticado de práticas de saber. Entender que o colonialismo é mais que a invenção do *outro*, a ocupação e a gerência do território, e que as chamadas independências não dão fim em seu legado perpassa não somente por um giro descolonial, mas uma gira que reposicione presenças, discursos e afugente com o poder da fumaça os quebrantos

---

<sup>10</sup> Sobre a noção de batalhas e mandingas ver Rufino e Simas (2018).

desencantos. Afinal, em uma casa de caboclo como o Brasil libertação é coisa feita riscada na folha da samambaia<sup>11</sup>.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser fundamento do ser*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2005.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. - Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

WALSH, Catherine. *Interculturalidade, Estado, Sociedad. Luchas (De) coloniales de nuestra época*. Primeira edición: Universidad Andina Simón Bolívar/ Ediciones Abya- Yala, Quito, 2009.

---

<sup>11</sup> Alusão ao 2 de julho, Independência da Bahia.